

1. A verdadeira criatividade e a improvisação na celebração litúrgica;
2. As exigências do homem da civilização urbano-industrial frente à liturgia;
3. O papel da liturgia numa sociedade amplamente secularizada;
4. As conseqüências da compreensão da liturgia como «cume» e «fonte» da vida cristã;
5. A centralidade da eucaristia na vida da Igreja;
6. A liturgia num Brasil onde 70% das comunidades dominicais não têm padre;
7. A valorização das múltiplas *presenças reais* de Cristo na liturgia;
8. A pastoral dos sacramentos para o homem de hoje;
9. A prioridade da celebração comunitária dos sacramentos e sacramentais;
10. A dimensão ecumênica da liturgia;
11. A liturgia e o desejo de espiritualidade do mundo de hoje;
12. Meios de comunicação social e liturgia;
13. Missas transmitidas por rádio e TV;
14. As assim chamadas "missas shows";
15. A liturgia nas missões populares;
16. Relação entre piedade popular e liturgia;
17. Fidelidade à *Sacrosanctum Concilium* diante de sérios ataques ao seu espírito.

Estas e tantas outras questões propostas, insinuadas ou decorrentes da abertura produzida na Igreja pela Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II continuam nos desafiando mais de 40 anos depois da feliz publicação de seu texto. E só Deus sabe por quanto tempo ainda tais desafios se apresentarão diante da nossa consciência, buscando solução. Sem dúvida, um documento tão denso e tão rico, como a *Sacrosanctum Concilium*, não poderia deixar de despertar tanto interesse e estimular tanta reflexão.

Queira o Senhor da messe que nunca nos acomodemos diante desse imenso manancial de possibilidades aberto pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*, e nunca nos recusemos a enfrentar a nobre tarefa de reformar e atualizar a santa liturgia, tarefa que o próprio Deus, por força do Espírito, tem ultimamente inspirado abundantemente à sua Igreja.

Prof. Pe. José Raimundo de Melo é Doutor em Liturgia.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

PASTOR/OVELHA/REBANHO: UMA RELAÇÃO DE INTIMIDADE

Profa. Dra. Geni Bertoni Nimitz

A literatura do Antigo Testamento e a literatura do Novo Testamento não são duas literaturas diferentes. São dimensões análogas da mesma Arte: a arte da escrita sagrada, tendo em vista os elementos culturais das antigas etnias; quando justapostas, enveredam por um processo eficaz de estabelecimento de relações e de comunicação entre escritor e leitor, dados os caracteres versáteis da Arte — o caráter do encantamento, da utilidade, do didático, do lúdico, da emotividade, da conotação, não eximindo de sua linguagem os requisitos da clareza, retidão, precisão, objetividade, adequação.

Trabalhando essas duas vertentes da literatura sagrada, é possível estabelecer-se uma relação semântica entre os vocábulos *pastor/ovelha/rebanho*, tendo-se como referencial a parábola da Ovelha Perdida, da qual emerge o trinômio teológico: *pecado/perdão/salvação*.

1. A NARRATIVA BÍBLICA EM MT 18, 12-14

“Que vos parece? Se um homem possui cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa ele as noventa e nove nos montes e vai à procura da extraviada? Se consegue achá-la, em verdade vos digo: terá maior alegria com ela do que com as noventa e nove que não se extraviaram. Assim, também, não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca” (Mt 18, 12-14).

2. CONTEXTUALIZANDO O CAPÍTULO 18 E OS VERSÍCULOS 12-14 EM MATEUS

Os três versículos que formam a parábola da *ovelha perdida* fazem parte do contexto bíblico que se inicia a partir do momento da *transfiguração de Jesus* (17, 12-13), vai num crescendo até o clímax literário – o *resgate da ovelha* – e declina numa verdadeira apoteose de perdão, demonstrada pelos textos 18, 15-18 (sobre a *correção fraterna*, com referências em Rm 16, 17, em 1Cor 5, 11 e em Jo 20, 23), e 18, 21-35 (sobre o rei que acerta as contas com seu servo; referências em Lc 23, 24).

Inseridos em textos que mostram a glória do Filho do Homem (17, 10: Jesus se transfigura, mostrando “*um rosto resplandecente como o sol e as vestes alvas como a luz*”, em presença de três discípulos, em uma montanha, tendo a seu lado Moisés e Elias com quem conversava; logo após, ao ser inquirido pelos discípulos, anuncia sua ressurreição de dentre os mortos), se bem que essa glória fosse transitória (ele era também o *Servo que devia sofrer e morrer*, exatamente como João Batista, antes de entrar na eterna glória pela Ressurreição como suprema concretização do Bem e do Poder Divino), e identificando a presença da realidade do Mal na figura do endemoninhado epilético, a quem – contra todas as incapacidades – Jesus cura, e inseridos ainda nos textos seqüentes (até 18, 35), os versículos em questão vêm salientar – sobremaneira – o expurgo desse *mal* e o conseqüente resgate da pessoa por ele vitimada.

Prepara-se, assim, o *lugar propício* para a inserção do ensinamento maior, aquele que deveria falar diretamente ao coração e aos ouvidos de quantos, nessa hora, o escutavam, uma vez que Jesus se utiliza de imagens facilmente identificáveis, pois que faziam parte do seu *modus vivendi*... lição de vida essa emergente através da parábola ora analisada: de um lado, o poder aliado à misericórdia divina; de outro, toda uma realidade de injustiça, de pecado de exploração, de dívidas, de cobrança. E é nesse entremeio de situações homônimas que Jesus anuncia seu sofrimento, sua morte e sua ressurreição, como se quisesse fazer uma certa analogia com a situação que o povo de Israel

estava vivendo¹; assim, estaria anunciando ele a seu círculo de ouvintes, os discípulos, que as *ovelhas de seu rebanho* haveriam de encontrar a mão do pastor (vida nova) após períodos de afastamento (situação de sofrimento e morte). Verdadeira lição do amor de Deus – embora dirigida a corações ainda um tanto endurecidos – amor que transcende toda e qualquer expectativa humana!

“*Perdoar setenta vezes sete*”² (18, 22), mas a quem é receptivo ao perdão (cf. 24, 27) constitui-se na característica primordial das palavras ditas por Jesus aos ouvintes, a respeito da correção fraterna. O destaque maior do ensinamento sobre o perdão é dado através da parábola da ovelha desgarrada numa atitude de extrema paciência por parte do Mestre, pois ele sabia que as lições de vida chegam mais fáceis ao íntimo das pessoas quando estas as ouvem por meio de comparações, que utilizam símbolos de sua vivência diária...

¹ “Il popolo giudaico dei tempi di Gesù há bisogno di essere ammaestrato e nutrito dal pastore (Mc 6, 35-44), perché è simile ad un gregge senza pastore e perciò maltrattato (Mc 6, 34= Mt 9, 36). In Mt 10, 16, i probata sono la nuova schiera di discepoli di Gesù nelle mille tribolazioni e difficoltà del século presente: il loro pastore Gesù li manda come pecore indefese nel mondo brulicante di lupi voraci. Dietro la terribile dispersioni delle pecore c'è, secondo la parola di Gesù (Mc 14, 27= Mt 26, 31; cfr. Zch 13, 7), la mano di Dio che com la morte sulla Croce, colpisce il próprio pastore a corte e disperdi così il suo gregge (Gerhard KITTEL e Gerhard FRIEDRICH. Grande Lessico del Nuovo Testamento. Edizioni italiana integrale. Vol. XI, fascicolo 1º, Paidéia: Brescia, 1965, p. 196). Titolo originale del opera: *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Traduttori: Giovanni TORTI e Ugo ARGENTI. Verlag: Stuttgart, 1933.

² A expressão numérica relativa ao ato de perdoar é um dito da fonte Q, presente em Lucas 17, 4. Reelaborada e transmitida por Mateus em um breve diálogo entre Jesus e o Mestre, evoca ele o texto do Gn 4, 24, em que Lamec ameaça com uma vingança indiscriminada e ilimitada: “*Caim foi vingado sete vezes, mas Lamec setenta vezes sete*”. Por esse versículo, percebe-se a contraposição de um perdão sem medidas para o ofensor, verdade tal que no desenvolvimento mateano nem de significado precisa, apenas de uma qualificação que emerge de um contexto eclesial, ou seja: Mateus faz referências ao perdão generoso, característica da comunidade cristã em suas relações internas. Desse modo, o tema do perdão, presente na parábola da ovelha perdida com um teor cristológico, alarga suas perspectivas para um teor essencialmente eclesiológico: a redação genial do evangelista liga a palavra *perdão* à palavra *comunidade*; esse entrelaçamento vocabular está presente na parábola do administrador desapiadado (Mt 18, 23-35); cf. Giuseppe BARBAGLIO, Rinaldo FABRIS e Bruno MAGGIONI. *Os Evangelhos*. Vol. I. São Paulo: Loyola. 1990, pp. 283-284.

3. O PENSAMENTO BÍBLICO NA PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA: MT 18, 12-14

O pensamento bíblico que percorre todo o texto de Mateus, acima mencionado, tende a ser o de um desafio³, dada a interrogativa que o inicia. Sendo assim, a expressão primeira 'que vos parece?', dirigida aos discípulos, seguida da apresentação do fato identificado como o extravio de uma das ovelhas de um rebanho médio⁴, procura indicar – embora de maneira indireta – que o pastor empenhado (na parábola, determinado como *homem*) na busca daquela que se perdeu e tomado de alegria por achá-la, são os discípulos e todo e qualquer homem que tem em si a *guarda de um rebanho*⁵. Portanto, a forma redacional do evangelista, nesse texto, não supõe uma cumplicidade direta dos

³ Entre Jesus e seus ouvintes instaura-se um desafio, não porém com característica de polémica, mas com aspecto de diálogo aberto, para o qual, cada discípulo é convidado a dar prosseguimento. Atesta-o o uso categórico da interrogativa que inicia a parábola (AAVV. *Dicionário Cultural da Bíblia*. Tradução de Marcos BAGNO. São Paulo: Loyola, 1998, p. 191).

⁴ "Os rebanhos dos criadores palestinos tinham, em média, de dez a duzentas ovelhas. A liderança dos rebanhos tinha este último número, razão pela qual um rebanho formado por cem ovelhas era considerado como sendo de médio porte, pertencente a alguém que não é miserável e nem está entre os grandes pastores" (Ana Flora ANDERSON e Frei Gilberto GORGULHO. *Parábolas: a palavra que liberta*. São Paulo: Cepe, 2ª edição, 1992, pp 38-39).

⁵ O cuidado com as ovelhas é uma rica fonte de imagens teológicas que tem seu fundamento na realidade visível da pecuária palestina. Assim por exemplo, o pastor é aquele que se preocupa em proteger as ovelhas das feras, dos ladrões, do tempo inclemente (Gn 31, 39-40). Procura – também – defendê-las, com as mãos nuas (não violência) contra leões e ursos (1Sm 17, 34) e, às vezes, morre na defesa do rebanho (Jo 10, 15). O pastor conduz as ovelhas às águas de poços ou de córregos, a fim de saciar-lhes a sede (Sl 23, 1-4; Gn 29, 2.11; Ex 2, 16-21), abrigando-as em apriscos ou cavernas, por ocasião das intempéries (1Sm 24, 3). Em relação às doentes ou feridas, o pastor chega a carregá-las sobre os ombros (Is 40, 11). Essa é uma das mais belas imagens do *pastor* citado no Evangelho, *pastor* que é Jesus em relação ao povo sofrido de sua época, *pastor* que é o discípulo, o qual dará continuidade aos ensinamentos do Mestre, *pastor* – figura essencial da Igreja – quando acolhe, orienta e sacia as *ovelhas* famintas e sedentas de Deus... Nesse sentido, (sem desprezar os fundamentos naturais), nenhuma ovelha deve deixar de ser guiada, assim como todo pastor deve permitir-se o cansaço na procura da ovelha desgarrada (cf. John. L. MACKENZIE *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas. 1983. p. 675); essa parábola, pois, tornou-se uma figura do cuidado de Deus para com o pecador (Mt 18, 12-14).

discípulos com seu povo, no que concerne à guarda deste mesmo povo, ao ato de conduzi-lo pelos caminhos retos do Senhor, mas trata – prioritariamente – de apresentar:

a) *uma situação-problema*: ao perceber que uma das ovelhas de seu rebanho se extravia, "não é o homem capaz de deixar as demais e sair à procura daquela que se perdeu?" (v. 12). A idéia aqui apresentada é apenas um exemplo para elucidar a importante missão da Igreja no que se refere à reconquista daqueles que estão perdidos. Não implica, à primeira vista, numa responsabilidade imediata de cada um dos apóstolos, mas de um dever que, principalmente eles, como coletividade cristã primitiva, têm obrigação de cumprir, dada à natureza do projeto de Deus para o homem, demonstrada por Jesus em seus discursos e em sua práxis: "ver a face de meu Pai que está nos céus" (cf. Mt 18, 10). Por não ser mais dirigida aos adversários, mas à comunidade cristã do seu tempo, o centro de interesse da parábola sofre, assim, um sensível deslocamento na direção de objetivos pastorais e catequéticos: situar os cristãos diante desse dever para com os mais fracos que se desviaram do caminho reto. O comportamento do pastor ilustra, assim, a conduta da Igreja (na parábola de Lucas, o comportamento do pastor reflete a conduta de Jesus e, em última análise, a atitude do Pai para com os pecadores); esta deve partir à procura da ovelha perdida. A conduta da comunidade deve, portanto, sintonizar-se com o querer divino. E Deus não quer que ninguém se perca! Como se vê, o significado cristológico da parábola de Lucas e característico relato originário de Jesus, deu lugar ao sentido eclesiológico na parábola de Mateus. O motivo da alegria do reencontro fica em segundo plano, enquanto em primeiro plano emerge o tema da procura. O alegre anúncio da misericórdia divina, encarnada na existência de Jesus que acolhia os pecadores, deixa lugar a uma regra pastoral válida para a Igreja⁶. Nesse sentido, é válido fazer uma distinção entre os dois verbos utilizados por Mateus: *plano* e *apollymi*, *extraviada* e *perdida*, respectivamente⁷.

⁶ Giuseppe BARBAGLIO; Rinaldo FABRIS; Bruno MAGGIONI. *op. cit.* pp. 280-281.

⁷ Os pequenos se extraviaram, desviaram-se, mas não devem ser considerados definitivamente perdidos. Impõe-se, ao contrário, o dever de procurá-los e fazê-los retornar à estrada da fé cristã. A Igreja não pode aceitar de bom grado que o desvio provisório de um de seus membros mude-se em perda irremediável, por isso, a alusão à procura da centésima ovelha tem muita importância para o pastor (Deus; Igreja). *Ibidem*. p. 280.

b) *um seguimento conseqüente da situação apresentada*: a grande alegria que se apoderará de seu ser (se conseguir achar a ovelha); alegria tal que será maior do que o convívio diário com as ovelhas que jamais saíram do seu lado (v. 13). Ao ser possuído pelo sentimento da alegria causada pelo resgate da ovelha perdida, o evangelista re-vela, através do pastor que acode a ovelha, a imagem de um Deus misericordioso, magnânimo, capaz de perdoar o ofensor e, mais do que isso, de integrá-lo novamente no círculo social.

e) *uma reflexão teológica*: não é da vontade de Deus que nenhum dos *pequeninos* se perca... (alusão a 18, 1-4). Note-se que a palavra *pequenino* não está, semanticamente ligada à *criança* (fase inicial do ciclo biológico em que está presente a razão), mas ao *tornar-se criança* pela simplicidade, pela desproteção gerada através do infortúnio, da vida miserável, do opróbrio, do mal (v. 14). Mais uma vez, a reflexão teológica iniciada acima se introduz e, agora, nos versículos referidos; ao assemelhar-se a Mt 10, 6, o texto anteriormente citado é remissivo à idéia presente neste, ou seja: a de que os principais destinatários da Boa Nova não são os gentios e nem os samaritanos, mas as *ovelhas perdidas da Casa de Israel* isto é, os doentes, os mortos, os leprosos, os possessos (cf. Mt 10, 1; 8). A frase de conclusão (18, 14) retorna à proposta primitiva: "Assim, não é da vontade de vosso Pai que está nos céus que um destes pequeninos se perca". A advertência (v. 10) que precede o texto ora em análise e as diretrizes (vv. 15-17) sobre como tratar o irmão que peca, que se lhe pospõem, fortalecem – sobremaneira – a mensagem teológica que é ir ao encontro do irmão decaído, assim como o pastor vai ao encontro da ovelha que se perdeu. Portanto, em Mateus, a parábola é colocada diante dos discípulos com o objetivo de ativar-lhes a razão e a fé à compreensão e à prática da verdadeira caridade, a qual consiste no resgate e no amparo daquele que se encontra marginalizado pela ignorância, pela apostasia ou por uma circunstância qualquer da qual tenha sido vítima. Nesse sentido, o acento da alegoria recai sobre a *urgência da busca* e não sobre a *alegria do encontro*, bem ao contrário do que se pode perceber no texto de Lucas 15, 5 em que os detalhes que identificam o encontro entre pastor e ovelha envolvem-se em práticas carregadas de amor e de cuidados: *o pastor acha a ovelhinha, coloca-a sobre os ombros e a conduz de volta a casa. Pleno de alegria, convoca os amigos, os vizinhos e oferece uma grande festa para comemorar o retorno daquela que ele considerava morta e que agora renasce*. É como se dissesse: assim é

Deus! É dessa forma que Deus se alegra! É numa ocasião tal que Deus se rejubila, porque sente que um pecador é acolhido e conduzido à vida nova!

Por essa reflexão teológica, há de se concluir – em última análise – que a parábola da *Ovelha Perdida*, em Mateus, distancia-se de sua conotação original (parábola apologética), do seu círculo de ouvintes (os inimigos de Jesus), para se apresentar reestruturada no que concerne à sua natureza (parábola parenética) e no que diz respeito ao círculo de ouvintes (não mais os inimigos, mas os discípulos de Jesus)⁸.

⁸ Segundo Lucas, a parábola da ovelha perdida é fruto de uma pergunta indignada dos fariseus: "Por que recebes estes pecadores e concedes-lhes comunhão em tua mesa?" (Lc 15, 2) e termina, segundo ele, com as palavras: "Assim Deus alegrar-se-á por um só pecador que faz penitência, do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência" (Lc 15, 17). Jesus tem, portanto, a intenção de justificar a Boa Nova diante de seus críticos (**parábola apologética**: estilo redacional narrativo, contendo discurso com a finalidade de justificar, defender, elogiar, um pensamento anteriormente expresso. Cf. Francisco da Silveira BUENO. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 1999). Assim, vê-se na parábola o seguinte esclarecimento: da mesma maneira como o pastor, ao reconduzir o rebanho ao seu redil, fica feliz por reencontrar a ovelha desgarrada, assim também é grande a alegria de Deus quando percebe a disponibilidade do pecador à penitência. Alegra-se por poder perdoar. É esta a razão pela qual Jesus recebe e acolhe os pecadores. O fato de o amor de Deus ser assim, ilimitado, é que se torna o ponto de justificação de Jesus. Nesse sentido, Jesus – na parábola apologética de Lucas – não faz apresentação do Evangelho aos opositores, mas defende-o e o justifica diante dos críticos e inimigos que se exaltam quando Jesus prega que Deus quer interessar-se pelos pecadores, e que se escandalizam quando Jesus mantém comunhão de mesa com os desprezados. Reconhecer na parábola de Lucas uma linha apologética é entender que Jesus justifica seu comportamento, o qual causa escândalo pelo fato de estar Ele em comunhão de mesa com os pecadores (Lc 22, 1s). É ver, através desse comportamento, o ser e o querer de Deus. Jesus pretende, pois, atualizar na sua atitude, o amor de Deus para com o pecador que se dispõe à conversão. Jesus, porém, não fica somente na apologia; no ensinamento moral que a parábola desperta (**parábola parenética**: estilo redacional narrativo, caracterizado por discursos morais, ensinamentos, propostas teóricas de transformação de vida, cf. Francisco da Silveira BUENO, *op. cit.*), está presente toda uma realidade: Jesus quer que seus ouvintes – em Mateus, os discípulos – superem o escândalo do Evangelho, compreendendo que ele é portador de uma notícia nova, a da possibilidade de conversão e de apelo ao também endurecido coração deles. Jesus adverte os discípulos a que não desprezem nenhum dos pequeninos (v. 10) e os instrui sobre a maneira de tratar o irmão que peca (vv. 15-17), querendo dizer que a vontade de Deus é que eles possam ir ao encontro do irmão decaído, assim como o pastor da parábola vai procurar a ovelha perdida. Portanto, em Mateus, a parábola tem como referencial humano os amigos seguidores de Jesus, a quem seriam confiadas às primeiras comunidades cristãs, e diante das quais, eles – como líderes – deveriam manter a fidelidade de pastores. A mudança do círculo de ouvintes (os adversários, em Lucas,

Os inimigos de Jesus, os fariseus (redação de Lucas), não compreendem a mensagem que a parábola quer transmitir. Essa incompreensão não diz respeito, apenas, à linguagem e à representatividade, das quais a história contada por Jesus faz uso; mas a toda a revelação de Jesus, da qual o estilo alegórico é um exemplo. Toda a trajetória da vida terrena de Jesus de Nazaré é uma parábola, uma presença que se mantém escondida sob a transparência humana, oculta e enigmática. O evangelho de João afirma essa teoria (16,25), a qual é confirmada pelos Sinóticos (Mc 4 e Mt 13). É oportuno citar aqui o texto de Is 6 que se encontra em Jo 12, 39-40 "*Não podiam crer, porque disse ainda Isaías: cegou-lhes os olhos, endureceu-lhes o coração para que seus olhos não vejam e seu coração não compreenda e não se converta e eu não os cure*", a fim de explicar a incredulidade encontrada por Cristo no círculo de ouvintes citado por Lucas (os fariseus), incredulidade tal justificada pelo próprio Isaías, quando diz "*Podeis ouvir certamente, mas não haveis de entender; podeis ver certamente, mas não haveis de compreender. Embota o coração deste povo, torna pesados os seus ouvidos, tapa-lhe os olhos, para que não veja com os olhos, e não ouça com os ouvidos, e não suceda que o seu coração venha a compreender, que ele se converta e consiga a cura*".

Quanto aos discípulos (redação de Mateus), sabe-se que existe relativa facilidade em compreender o assunto da parábola e o seu respectivo ensinamento, uma vez que mantinham o coração aberto às palavras do Mestre, e mais: chamados por Ele, o seguimento supunha um certo aspecto de posse da parte de Jesus, de garantia da aceitação da verdade. Os discípulos entendiam que Cristo era o único e exclusivo Pastor, o que implicava – de certo modo – na recusa de todos os outros pastores. A compreensão destinada às parábolas por esse círculo de ouvintes é, também, entendida pelo fato de Jesus lhes oferecer uma explicação mais detalhada, mais próxima, embasada no conhecimento recíproco, na comunhão não só de pensamento, mas também

para os discípulos, em Mateus) acarretou, também, um desvio de acentuação: de teor apologético que era, originalmente, tornou-se parenética. Em outras palavras: a parábola de Mateus perdeu sua ligação com o lugar histórico original, apresentado por Lucas, entrando, então, inteiramente a serviço da parênese da Igreja, isto é, objetivando oferecer aos discípulos um quadro de normas e orientações para a vida das comunidades (Joachim JEREMIAS. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1974, pp. 34-39; 134-138).

de existência. E é bem verdade que entre Jesus e os discípulos encontrava-se tal empatia. Ademais, estes eram iluminados pelo Espírito, por isso, capazes de compreender.

4. UNIVERSO VOCABULAR: ESTUDO SEMÂNTICO DA PALAVRA "OVELHA"

A raiz lingüística da palavra "ovelha", apresentada nos escritos bíblicos e sagrados, prende-se a quatro línguas clássicas, três delas nas quais se assentam os livros do Antigo e do Novo Testamento (aramaico, hebraico e grego) e uma, cujo uso parece ser próprio de documentos religiosos e jurídicos (latim). No que se refere ao idioma hebraico, são apresentados os seguintes vocábulos: *râhêl, séh, kébés, kibsâh, késéb, kishbâh*; pela versão septuaginta, encontramos a forma grega: *probaton, amnoj, arni*; oriundas da Vulgata, tradução da Bíblia utilizando-se do latim popular, tornam-se conhecidas as palavras: *ovis, pecus, agnus*⁹.

A utilização do vocábulo acima mencionado percorre os livros bíblicos desde o Pentateuco (Antigo Testamento) até as Epístolas (Novo Testamento), passando pelos Livros Históricos, Sapienciais e Proféticos, até sua presença nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas.

Inserida num contexto sociológico (atividade profissional de extensão familiar que gerou a comercialização das ovelhas, a *classe social* dos pastores¹⁰ era formada por um conjunto de homens, alguns sem grandes recursos

⁹ Com exceção das palavras *amnoj, arni* e *agnus*, os demais termos indicam o animal – no caso, a ovelha – macho ou fêmea de um a três anos: "*le brebis mâle et femelle de um à trois ans*" Especial atenção merece a palavra hebraica *séh*, "*qui designe la brebis ou l'agneau em particulier, comme se rapporte aussi a le spéce in général*. (Ex 34, 19; Lev 12, 7-8.23.28; 27, 26; Dt 14, 4; 1Rs 15, 3; 22, 19). *Les livres de l'Ancien Testament*: Gn 30, 32; 1Rs 17, 34; Ez 45, 15; Jr 50, 17 comparent *Israel à un séh disperse que les lions pourchassent*. Ez 34, 17.20.22 *dit que le Seigneur fera le discernement entre séh et séh*. (ARNALD – BYHNER. *Dictionnaire de la Bible*, Tome premier, deuxième partie. Paris: Letouzey et Ané, Éditeurs, 1912, pp. 1911 e 1913).

¹⁰ "*En los primeros tiempos de la sedentarización, los israelitas disfrutaban, poco más o menos, de la misma condición social. La riqueza provenía de la tierra, la qual estaba*

repartida entre las familias que defendían celosamente su patrimonio (cf. la historia de Nabal, 1Rs 21, 1-3). Había transacciones comerciales, todavía de poca importancia, mas que serbian como distinción entre los pastores ricos y los pastores pobres. Así, por ejemplo: Nabal es un rico ganadero de la stepe de Judá: posee mil carneros y mil cabras, y su esposa Abigail envía a David, para aplacarle, 200 panes, 100 racimos de uvas secas, 200 tortas de higos, odres de vino, medidas de grano tostado, carneros aliñados (1Sm 25, 2.18). La riqueza de Job es, todavía, más grande: 7000 ovelhas, 3000 camellos, 500 yunyas de bueyes (Job, 1, 3). Los dos primeros reyes de Israel, Saul y David, aunque perteneciendo a familias de gran estatuto político y financiero, cultivaban, los mismos, sus campos (1Sm 9, 1s) y guardaban sus rebaños (1Sm, 16,11)". R. de VAUX. *Instituciones Del Antiguo Testamento*. Barcelona: Herder, 1976, p. 114-115; cf. a edição original francesa da obra de VAUX, R de. *Les Institutions de l' Ancien Testament*, Paris: Cerf, 1975. Tais comentários, baseados nas citações bíblicas correspondentes, conduzem o leitor à compreensão da dicotomia existente entre a sociedade pastoril da época monárquica e a mesma sociedade dos tempos de Jesus, quando então os pastores formavam – juntamente – com os camponeses e escravos, os pobres (maior parte da população, submetida a vários tributos e a trabalhos obrigatórios). É nessa conjuntura que se entende o porquê da classificação modesta atribuída à figura do pastor, personagem da parábola de Mateus e de Lucas (aquele que é possuidor de cem ovelhas, se comparado aos que têm mil e sete vezes mais do que essa quantidade, não pode ser considerado rico). Já dizia o profeta Nathan que os pastores pobres falavam de suas ovelhas como sendo membros de sua família, como sendo uma de suas crianças, fazendo-a comer do seu pão, beber da sua taça e dormir em seu leito. Enfim, queriam-na como uma filha (2Rs 12, 3). Importantes fundamentos sobre o modo de produção e a qualidade de vida dos palestinos encontram-se em AAVV. *História das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. Rio de Janeiro: Livro Técnico. 1984, pp. 130-135. "Os hebreus, antes de chegarem à Palestina, eram povos semi-nômades, dedicando-se à criação de gado ovino nos oásis dos desertos e nas zonas montanhosas do Sul. Passaram pouco a pouco à agricultura. Nessa época, já havia a propriedade familiar sobre os rebanhos. Mais tarde, o desenvolvimento da propriedade privada gerou a desigualdade de classes", em Francisco de Assis SILVA. *História Geral (Antiga e Medieval)*. São Paulo: Moderna, 3ª edição. 1990. p. 44. "Inicialmente, a economia foi a criação de cabras e de ovelhas; posteriormente, surgiu a agricultura. com o cultivo de cereais. uva e oliveiras", em Florival CACERES *História Geral*. São Paulo: Moderna. 4ª edição. 1986, pp. 45-49: "A sociedade hebraica, na Antiguidade, apresentava-se preponderantemente pastoril e agrária. Às margens do Rio Jordão, especialmente, cultivavam-se cereais, videiras, figueiras e oliveiras. Antes da consolidação da unidade hebraica com o Rei Saul, as terras eram cultivadas coletivamente, e a produção revertia-se para toda a tribo. A centralização política, contudo, determinou a alteração dessa situação: a terra converteu-se em propriedade privada dos dois primeiros reis (estes, a par das funções políticas estatais, exerciam a profissão de grandes agricultores e pecuaristas), concentrada nas mãos de uma aristocracia que se ligava ao Estado monárquico. Durante o reinado de Salomão, terceiro rei, graças à sua privilegiada localização geográfica, a Palestina, situada na confluência de importantes rotas terrestres, ligando Egito, Fenícia e Mesopotâmia, assistiu a um maior desenvolvimento do comércio animal e vegetal, já iniciado na época de Saul e de David". A agricultura e a pecuária têm raízes no período da criação do homem, quando Caim e Abel, filhos do primeiro casal foram agricultor e pastor, respectivamente. A História nos conta que Caim matou Abel porque Deus se agraciara com as oferendas deste. O mito desse desajuste fraterno revela a oposição entre lavradores e pastores, fazendo determinada apologia a estes últimos. Assim, na exaltação dada aos pastores, estavam implícitas a idealização da vida simples e pura do nomadismo e a condenação à vida sedentária dos agricultores, os quais construíram as cidades e deram origem à vida urbana".

financeiros) e qualitativo (modo de produção de um povo numa época em que agricultura e pecuária eram ápice da economia), determinante da vida dos habitantes de Israel, a ovelha – animal próprio de pastagens ralas em regiões desérticas ou montanhosas – sempre foi caracterizada como dócil, obediente, pronta à ação do tosquio e do abate¹¹. Por apresentar uma natureza assim qualificada, os estilistas bíblicos dispuseram do termo a fim de metaforizá-lo, passando a atribuir-lhe sentido conotativo sempre que foi preciso explicar a conduta humilde de certas pessoas¹². Jesus mesmo atribui a seus discípulos as qualidades das ovelhas, qualidades tais acrescidas do valor imprescindível da fidelidade que deveriam possuir, quando enviados em missão. Essa imagem de incalculável riqueza espiritual se estende para além da vida terrena, quando Jesus promete estar com eles, já na plenitude da alegria celeste¹³.

4.1 Referências bíblicas do Antigo Testamento

Através de uma minuciosa e atenta coleta de citações bíblicas, oferecidas pela Bíblia de Jerusalém e por muitos livros utilizados para a confecção deste artigo, livros cujo título e autor constam nas notas de rodapé e na bibliografia; contando, também, com minha própria ajuda, no sentido de promover uma intensa procura de palavras e de textos bíblicos (concentrei-me na

¹¹ Ovelhas e cabras eram o principal sustento dos povos pastoris. A ovelha fornecia vestuário (lã), leite, queijo, manteiga e carne. As ovelhas serviam para o pagamento de tributo à monarquia (cem mil espécies tiradas dos rebanhos criados nas terras palestinas foram pagas a Moab, rei de Israel (2Rs 3,4) e cento e vinte mil foram sacrificadas no Templo de Salomão (cf. John L. MACKENZIE. *op.cit.* p. 675). Esse número parece exagerado, porém dá para se entender o nível de vida de luxo em que vivia a nobreza de Israel, em detrimento da população pobre, cujos pastores não possuíam mais do que cem ovelhas, número que seria suficiente para a provisão diária do palácio de Salomão (1Rs 4, 23).

¹² "Notre Seigneur compare ses disciples à des brebis parce qu'ils ont à reproduire dans leur conduites les qualités particulières des brebis: la docilité, la simplicité, la douceur, l'attachement au Pasteur" (ARNALD – BYTHNER. *op. cit.* p.1919, cf. Jo 10, 1-27)

¹³ "Notre Seigneur a commencé le premier à donner à ses Apôtres le nom de brebis, em les envoyant em mission (Mat 10, 16; Lc 10, 3). Le symbole se continue jusque dans la scene du dernier jugement, quand Dieu met à as droite les brebis qui représentent ses fidèles serviteurs" (ibidem; cf. Mat 25, 32-33).

leitura de alguns livros do Antigo e do Novo Testamento) que pudessem remeter-me ao objeto deste trabalho; consultando obras e dicionários especializados em conceitos e explicações de palavras afins; obtendo através dessas várias obras dados estatísticos a respeito dessas palavras, e sabendo o quanto isso é preponderante para um entendimento da realidade ambiental hebraica, no que se refere à cultura e à formação sociológica de seu povo, cheguei a colecionar citações vétero e neotestamentárias de suma importância para a compreensão e posterior análise do binômio *pastor/ovelha*¹⁴. Quanto à estatística, há válidas informações sobre a palavra *ovelha* (*probaton*), a qual aparece 11 vezes em Mateus, 2 vezes em Marcos, 2 vezes em Lucas e 17 vezes no Evangelho de João, uma única vez nos Atos dos Apóstolos, o mesmo na carta aos romanos, aos hebreus e na primeira carta de Pedro. No Livro do Apocalipse, a palavra é mencionada, também, uma única vez. Na versão dos LXX, a referida palavra aparece 4 vezes. O seu derivativo, *probaton*, é apenas usado por João, num total de 2 vezes¹⁵. Em relação aos capítulos e versículos bíblicos que alicerçam esta pesquisa, escolhi aqueles que mais diretamente explicam o contexto sócio-político-moral da geografia humana palestinese. São os seguintes:

Gn 4,2: "*Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo*". No contexto da Criação, em que os textos que descrevem o Jardim do Éden, a presença do primeiro casal, o pecado e a conseqüente expulsão do homem e da mulher do assim chamado *paraíso terrestre*, textos esses reportados pelo escritor javista às origens da humanidade, insere-se o fato das atividades pecuária e agrícola desenvolvidas pelos irmãos Abel¹⁶ e Caim, respectivamente. Supondo-se que a narrativa envolva uma civilização já evoluída, a tradição

javista confere a ela uma dimensão de fé: a revolta do homem contra Deus ocasiona a revolta do homem contra o homem, verdadeiro antagonismo dirigido à Lei Divina, a qual se resume no amor a Deus e ao próximo. Essa referência é necessária para demonstrar, com segurança, o semantismo da palavra *ovelha* (aqui, no plural), cuja explicação encontra-se no tema da oferenda ("*Abel ofereceu as primícias e a gordura¹⁷ do seu rebanho*") e no tema da predileção de Deus pela humildade, aqui simbolizada pelo filho mais novo, Abel. A ovelha, tipo de animal domesticado pelos povos primitivos ainda nômades ou semi-nômades, animal climatizado tanto no deserto como na montanha¹⁸ é, no texto em questão, o cerne da rivalidade acontecida entre o homem e o seu semelhante.

Ex 20, 24; 21, 37; 22, 3: "*Far-me-ás um altar de terra e sobre eles sacrificarás os teus holocaustos e os teus sacrifícios de comunhão, as tuas ovelhas e os teus bois.*" "*Se alguém roubar um boi ou uma ovelha (kibzá) e o abater ou vender, restituirá cinco bois por um boi e quatro ovelhas por uma ovelha.*" "*Se o animal roubado, boi, jumento ou ovelha, for encontrado vivo em seu poder, restituirá o dobro.*" Contextualizados no mesmo bloco literário-bíblico, ou seja, a apresentação do Decálogo ao povo de Israel, esses três capítulos supõem a importância da oferenda em altar, de animais criados pelo homem, como honra ao Código da Aliança (Ex 20, 24) e em cumprimento ao 7º e 10º mandamentos. Tais versículos dizem respeito, apenas, a uma coletânea de costumes e tradições oriundas de uma coletividade nômade que praticava a atividade do pecuarismo¹⁹.

¹⁴ Mesmo depois de terem se tornado agricultores, os hebreus sempre conservaram a imagem dos bons tempos, quando eram criadores de ovelhas (pastores). Em razão desse fato, sobreviveram expressões derivadas da atividade do pastoreio, adotadas até pelo Cristianismo; de tal forma, a palavra "pastor" passou a significar "sacerdote" e a palavra "rebanho", um sinônimo de "povo convertido" (Tereza RODRIGUES. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: IBEP. 1995, pp. 62-63).

¹⁵ Robert MORGENTHALES. *Statistic des Neutestamentlichen Wortschatzes*. Zürich/Frankfurt: Gotthelf Verlag, p. 135.

¹⁶ Abel é considerado o primeiro pastor. Segundo filho de Adão e Eva, morto pelo irmão Caim, a tradição vê nele o justo perseguido pelos maus. Abel é, pois, o protótipo da vítima inocente (AAVV. *op. cit.* p.23).

¹⁷ Criavam-se antigamente em Israel, ovelhas brancas (Sl 147, 16; Is 1, 18; Dn 7, 9) e pardas (Gn 30, 32-42). As ovelhas brancas, de cauda grossa, normalmente grandes e pesadas, chegavam a produzir, às vezes, até cinco quilos de gordura pura, o que era considerado uma regalia, um dom. Essas ovelhas (o macho, de preferência), por serem as melhores, é que eram oferecidas a Deus, durante as celebrações festivas (cf. John. L. MACKENZIE. *op. cit.* p.675).

¹⁸ Os planaltos da Palestina e as montanhas da Síria (Estado-limite da Palestina ao Norte) oferecem abundante terreno de pastagem para ovelhas. O animal, que pode alimentar-se de um leve extrato de ervas e que se contenta em beber água apenas uma vez por dia, é capaz de pastar no próprio deserto, quando as chuvas de inverno fazem crescer nessa área algum tipo de vegetação, a qual dura, vicejante, o ano todo (ibidem).

¹⁹ Antes de se estabelecerem na Palestina, onde a prática da agricultura tornou sedentários os hebreus, estes exerciam a atividade do pastoreio. Tinham eles, enquanto pastores, uma organização política descentralizada: viviam divididos em pequenos agrupamentos ou tribos, liderados por um patriarca (chefe). Nesse tempo em que imperava

Nm 27,17: “*Que lahweh, Deus dos espíritos que animam toda carne, estabeleça sobre esta comunidade um homem que saia e entre à frente dela e que a faça sair e entrar, para que a comunidade de lahweh não seja como um rebanho sem pastor*”. Num contexto jurídico e social em que aparecem questões sobre recenseamento, divisão de herança, formação de clãs, o texto bíblico acima pretende mencionar a supremacia do homem orientado por Deus como chefe da comunidade e, conseqüentemente, a obediência desta às suas determinações, pelo que fica, então, acentuado o aspecto de liderança de um pastor que cuida de seu rebanho (ovelhas). Nesse sentido, pode-se atribuir à expressão *rebanho sem pastor*, pessoas perdidas, desorientadas, em busca de caminhos a seguir; pessoas distantes do verdadeiro bem, entregues, pois, a sua própria sorte. Lembra, um pouco, o sentido marcado pelo Novo Testamento, cujo referencial de rebanhos sem pastor (povo) é como o de ovelha desgarrada²⁰ (homem), isto é, da comunidade e do pecador, ambos distantes de Deus, d’Aquele que os conduz por “verdes pastagens²¹”.

2Sm 24, 17: “*Sou eu quem pecou eu sou quem cometeu o mal, mas aqueles e o rebanho que mal fizeram? Venha a tua mão e caia sobre mim e sobre minha família!*” A palavra *ovelha*, embora não explícita no texto, faz-se subentender, e em relação a Davi, que se julga um grande pecador por ter feito o recenseamento do povo de Israel (após a morte de Urias). Ao proferir a

o nomadismo, não havia nem ricos nem pobres; todos dispunham do suficiente para seu sustento. Com o desenvolvimento da agricultura, formou-se a classe dos grandes proprietários (monarquia salomônica), de onde surgiram os poderosos comerciantes. Desde então, a sociedade se dividiu em ricos e pobres, com muitos camponeses sem terra e numerosos escravos (cf. Tereza RODRIGUES. *op. cit.* p. 63). Em razão desse fato, muitos pastores passaram a ter uma existência sofrida, pois os comerciantes (ricos proprietários), os empregavam como assalariados, a quem pagavam em dinheiro ou em espécie para vigiar os rebanhos, combater os ladrões, defender as ovelhas das feras selvagens e conduzi-las aos pontos de água, trazendo-as de volta, à noite, a seus currais (cf. AAVV. *op. cit.* p. 195).

²⁰ Na interpretação corrente, inserida mais tarde na linguagem familiar, a “ovelha desgarrada” designa toda e qualquer forma de desvio espiritual, moral e, até mesmo, cívico. São Cipriano, autor latino, bispo de Cartago de 248 a 258, informa em sua Carta LV: “o tema da ovelha desgarrada representa os cristãos que abjuraram sua fé, por causa dos suplícios a que eram submetidos, durante a perseguição de Décio” (ibidem, p. 186).

²¹ “*Dés l’époque de Moïse, le peuple de Dieu est comparé à des brebis (Nm 27, 17). Les brebis sans pasteur abandonnées sans soin, sans direction, et sans défense, sont l’image du peuple qui s’est éloigné de Dieu. Cette expression revient du commencement à la fin de la Sainte Écriture*”. (ARNALD – BYTHNER. *op. cit.* p. 1918).

palavra *rebanho* – com referência àqueles que o haviam acompanhado na execução dessa tarefa – implorando a lahweh que os libertasse do castigo (a peste), Davi tem consciência do mal que praticou e, por causa disso, se considera a *ovelha desgarrada*. Arrependido, atrai para si e para sua família a ira de Deus.

1Rs 22,17: “*Eu vi todo Israel disperso pelas montanhas como ovelhas sem pastor*”. Os israelitas encontram-se *perdidos*, sem rumo a seguir, sem lideranças, extenuados devido às guerras acontecidas no período do Rei Acab. A continuidade dessas palavras (“*Elas não têm mais senhores*”) denota bem o clima de confusão estabelecido em época de guerra. Na linguagem hebraica: *há tson asher eim larêm rohê*, os termos parecem identificar mais claramente o sentido de abandono, que é atribuído ao termo *ovelhas*, imagem do povo de Israel (*não há pastor para elas*).

1Cr 17,7: “*Assim fala lahweh dos Exércitos: fui eu quem te tirou do pastoreio, de detrás das ovelhas, para seres chefe do meu povo de Israel*”. É evidente que a palavra em questão não tem sentido conotativo algum (em relação aos termos que a antepõem), pois refere-se à condição de Davi como jovem pastor de rebanhos, durante o reinado de Saul, ao receber o convite de Deus para tornar-se Rei de Israel. Nela está presente o sentido denotativo, uma vez que se refere ao gado ovino, do qual Davi era pastor. O uso muito freqüente desse sentido vocabular é percebido no tempo na monarquia devido ao poderio dos reis de Israel, o que pode ser provado por alguns textos bíblicos como é o caso de certos escritos sapienciais. Assim sendo, a presença do sentido natural da palavra *ovelha*, pode ser vista em Ecl 2-7, que ao se referir ao fausto da monarquia salomônica, assim diz: “*Adquiri escravos e escravas, tinha criadagem e possuía muitos rebanhos de vacas e ovelhas, mais do que os meus predecessores em Jerusalém*”.

1Cr 21,17: “*E Davi disse a Deus: não fui eu quem mandou recensear o povo? Não fui eu quem pecou e cometeu o mal? Mas estes, o rebanho, que fizeram? lahweh, meu Deus, que tua mão pese sobre mim e sobre minha família, mas que teu povo escape à desgraça*”. Verdadeiramente, é digno de nota o termo *rebanho*, aí identificado como aposto do sujeito pronominal *estes*, significando o conjunto de homens formados por Joab e pelos chefes do povo que, por ordem do rei Davi, saíram a recensear o povo de Israel, com a

finalidade de se ter uma prévia a respeito dos homens aptos para a guerra. O fato de indispor irmãos contra irmãos, levantando as tropas bélicas de Israel, seu território, contra o reino vizinho de Judá, fez com que Davi se sentisse pecador, pois atingiu profundamente a justiça de Deus, cuja lei promove a paz e não a guerra. Nesse contexto, Davi salvaguarda a inexperiência e a ingenuidade de seus subalternos e do povo em geral (rebanho, ovelhas), colocando-se em atitude de clemência diante de Deus e em favor de sua gente. Por tão grande reparação de sua culpa, Davi confia em Deus e se entrega aos atos da misericórdia divina.

2Cr 18,16: “*Eu vi todo Israel disperso pelas montanhas como ovelha sem pastor*”. A palavra em destaque tem o sentido de multidão confusa, perdida, sem esperanças, embora a palavra *montanhas* apresente um sentido por vezes dúbio (o vocábulo em questão é carregado, semanticamente, de realidades vitais pelo fato de existir, nas montanhas, água e vegetação, alimentos próprios. No entanto, encontram-se – também – nas *montanhas*, regiões abissais, onde as encostas são forradas por um emaranhado de árvores e de plantações nativas, tornando labiríntico qualquer caminho que possa conduzir o rebanho até esses altiplanos. Utilizada nesse versículo, dentro do recurso estilístico da comparação, relembra um contexto bélico (Cf. 1Rs 22, 17).

SL 44, 22: “*É por tua causa que nos matam todo o dia, e nos tratam como ovelhas de corte*.” A referência literária da palavra em destaque, acrescida de seu complemento encontra adaptação nos fundamentos históricos do período macabaico, provavelmente às perseguições de Antíoco Epifanes. Aqui, não são os israelitas que exterminam seu próprio povo, mas os estrangeiros que vêm para devastar a terra e matar os que nela vivem. Nesse contexto de absoluta perseguição, vale fazer um comentário: há acontecimentos diários que tiram, aos poucos, a vida das pessoas, conduzindo-as ao nada, isto é, ao deserto, refúgio de sua existência, até que o sol deste mesmo deserto ilumine e aqueça seu coração para o encontro com a vida, a qual não será mais de abate, mas de procura, de busca, de encontro com o Amor Maior.

SI 78, 52: “*Fez seu povo partir como um rebanho, e como ovelhas conduziu-as no deserto Guiou-os com segurança e não temeram, e o mar recobriu seus inimigos*”. Por ocasião da saída do Egito e entrada em Canaã, Deus dá a entender sua misericórdia, seu carinho de pai extremo e fiel, pois

reúne o seu povo (rebanho) e os lança em caminhada pelo deserto, livrando-o da opressão dos inimigos, enquanto cuida de cada pessoa (ovelha) em particular, impedindo que se desvie do rumo certo.

SL 78,70-72: “*Escolheu a Davi, seu servo, tirando-o do aprisco das ovelhas; da companhia das ovelhas fê-lo vir para apascentar Jacó, seu povo e Israel sua herança; ele os apascentou com o coração íntegro, e conduziu-os com mão sábia*”. Esse texto evoca a figura de Davi como um humilde pastor de ovelhas em terras palestinas (sentido denotativo), passando a ser o ungido de lahweh, aquele que deveria cuidar das *ovelhas* (povo), como bom pastor, protótipo – assim – do Messias. Nessa última consideração, percebe-se o sentido conotativo dos verbos acima salientados, subentendendo-se por *povo* e *herança* as ovelhas humanas que tanto precisavam de unidade e paz. Mais tarde, porém, no mesmo contexto da monarquia davídica, por ocasião das invasões e da profanação do Templo, essa mesma *herança* (ovelhas=povo) lembra-se de proclamar louvores ao Deus que perdoou seus pecados e a libertou do mal por causa do Seu Santo Nome. “*Quanto a nós, teu povo, rebanho do teu pasto, nós te celebramos para sempre, e de geração em geração, vamos proclamar teu louvor*!” (SI 79, 13). Quanto à expressão lingüística *rebanho do teu pasto*, é necessário e oportuno observar que, no mesmo contexto histórico-bíblico, é substituída por *povo do teu pasto*. (SI 95, 7) demitificando, então, parcialmente, a alegoria metafórica anterior.

SL 119, 176: “*Eu me desvio como ovelha perdida, vem procurar o teu servo*!” Esse versículo precedido de: “*que a tua mão venha socorrer-me, pois escolhi teus preceitos*” (173: sugere arrependimento) e de “*que minha súplica chegue a tua presença*” (170: sugere desejo de restauração de vida) engloba as duas características da palavra “ovelha”, ou seja, a de *desgarrada* (*eu me desvio*) e a de *perdida* (*venha socorrer-me*), estando, pois, muito próximo da aplicação de sentido dada por Mateus e por Lucas.

Ez 34, 2-4.13.14.16: “*Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? Vós vos alimentais com leite, vos vestis com lã, sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a (ovelha) que está doente, não tratastes a ferida da (ovelha) que sofreu fratura, não reconduzistes a (ovelha) desgarrada, não buscastes a (ovelha) perdida. Reconduzi-las-ei para o seu solo,*

apascentando-as nos montes de Israel, nos montes irrigados de seus ribeiros e em todas as regiões habitáveis da terra. Apascentá-las-ei em um bom pasto, sobre os montes de Israel terão as suas pastagens. Ai terão um bom pasto e encontrarão forragem rica sobre os montes de Israel. **Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada, pensarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida. Quanto à gorda e vigorosa, guardá-la-ei e apascentá-la-ei com o direito**". Belíssimo texto metafórico que fala dos cuidados do pastor para com a ovelha caída: buscá-la, achá-la, cuidar dela, tratar-lhe as feridas, colocá-la de novo no redil... Assim é o texto retomado por Jesus por ocasião de sua práxis doutrinária. Texto que emergindo de uma realidade natural, muito bem conhecida e experienciada pelo povo palestinese, adentra no universo da transcendência, re-velado pela parábola!²².

Is 53, 6-7: "Todos nós, como **ovelhas**, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho". "Como uma **ovelha** que permanece muda na presença de seus tosquiadores, ele não abriu a boca". Esse texto fala da ovelha errante, daquela que – sem amparo algum – acha-se capaz de seguir os caminhos do mundo por si mesma. É uma expressão vocabular que está inserida no contexto do 4º Cântico do Servo, expressão tal que se encontra associada ao sentido de "Povo de Israel" (o que é vítima de humilhação, de idolatria, de enfermidades, de dispersão) exilado, o qual recebe de Deus a promessa de voltar à Terra Prometida, para unificação e restauração de suas tradições²³. A par desse significado, vem a palavra *ovelha* (v.7) que é a imagem do Servo; este, por sua vez, é a figura do Justo que, depois de "desprezado, abandonado pelos homens" (53, 3), "se elevará, será exaltado", deixando pasmas as multidões que, anteriormente, tinham visto o seu "aspecto desfigurado e a sua forma inumana" (52,13-14). As *ovelhas errantes que seguem o seu*

²² O autor francês, Charles PÉGUÉ, em sua obra *Le porche du mystère de la deuxième vertu (O pórtico do mistério da segunda virtude)*, 1911, diz sabiamente: "Por esta ovelha perdida e porque ela não voltava ao aprisco à noite e porque ia faltar ao chamado da noite, Jesus como um homem conheceu a inquietação humana" (apud *Dicionário Cultural da Bíblia*, p. 186).

²³ Situado em pleno contexto da crise monárquica, crise gerada pelo fato de Israel não corresponder, definitivamente, à sua missão histórica (preparar o reino messiânico), o texto de Isaías desenvolve a doutrina dos "restos" do povo, da pequena semente fiel que levaria avante a religião de Iahweh.

próprio caminho são, pois, a imagem do povo de Israel que, sofrendo o exílio, entrega-se à iniquidade e à adoração de falsos deuses. São as que se desgarraram do pastor, daquele que as conduzia pelos retos caminhos. Ao contrário da ovelha da parábola do NT, a que mais adiante aparece nesses escritos proféticos (v.7) é a figura do Justo, a que se desgarrar do rebanho com a finalidade de cumprir uma tarefa: a sublime tarefa de dar a vida pela libertação do povo, de assumir os pecados desse mesmo povo, carregada de humildade (por isso o caráter de mutismo, de uma obediência sem limites). Esta não é uma *ovelha perdida*, a qual se enche de alegria quando vê aproximar-se a mão do pastor, que anseia pela volta ao lugar comum, e nem a *ovelha desgarrada* que vai ao encontro de um outro lugar, o lugar da salvação, mas é a Ovelha que mais parece Pastor, capaz de carregar nos ombros dilacerados as demais ovelhas... Inserida nesse igual contexto (Is 53, 7) depara-se com a transferência da palavra *ovelha* para *cordeiro*: "Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um **cordeiro** conduzido ao matadouro".

Jr 23, 1-2: "Ai dos pastores que perdem e dispersam as **ovelhas** do meu rebanho. Eis que reunirei o resto de minhas **ovelhas** de todas as terras e as farei retornar às suas pastagens." Esse texto nos apresenta a ovelha afastada do rebanho e perdida pelo mundo por não ter tido os cuidados do pastor²⁴. Deus lhe promete a volta e a presença de novos pastores que dela cuidarão. É interessante notar que Jeremias, assim como outros, não coloca o pecado na ovelha que se transviou, mas no pastor que – inconseqüentemente – deixou que isso acontecesse.

Jr 50,6: "Ovelhas perdidas como o meu povo. Seus pastores as fizeram errar. As montanhas as desorientaram. Elas esqueceram o seu redil". Assim como no capítulo e versículo anteriores, a mesma imagem é colocada nesse texto, ou seja: a ovelha que se perdeu pela incapacidade de zelo dos pastores é a figura do povo de Israel, que se tornou errante e, de montanha em montanha, "foi devorado pelos inimigos".

²⁴ A imagem do mau pastor é citada nesse texto bíblico com dois acentos importantes: a condenação dos falsos pastores e o empenho de Deus em tirar seu povo do exílio e da dispersão. Extrai-se dessa afirmativa alguns pontos teológicos de relevante importância: o amor de Deus pelos *pequenos*, a eleição, o mútuo conhecimento, a comunhão de vida, a preocupação de Deus para com aqueles que sofrem (cf. Fabris RINALDI e Bruno MAGGIONI, *op. cit.* p. 384).

Ez 34, 22.29.30: "Eu mesmo vou trazer salvação ao meu rebanho, de modo que não sejam mais saqueadas. Eu mesmo julgarei entre **ovelha e ovelha**". "Proporcionarei a elas uma lavoura famosa"... "Eis que Eu, lahweh, estou com elas e elas constituem o meu povo, a Casa de Israel". "E vós minhas ovelhas, vós sois o rebanho humano do meu pasto e eu sou o vosso Deus". No contexto das características da ovelha desgarrada e dos pastores de Israel (reis do Oriente), surge bem clara a advertência de Deus sobre as autoridades que, com sua supremacia e seus desmandos, pervertem as pessoas (ovelhas), a ponto de bani-las do aprisco, relegando-as ao abandono. É nesse contexto, principalmente em Ez 34, 3-6, que se encontram os traços da parábola da ovelha perdida e da alegoria do bom pastor (Mateus e Lucas), conforme atributos que qualificam a ovelha perdida, bem como palavras utilizadas (como admoestação) por lahweh aos chefes de Israel. O v. 6: "não há quem o procure" (povo = ovelha perdida) ou "que vá em sua busca" reflete a angústia de Deus ao constatar a frieza do mau pastor, o que vem provar que o contrário é que encontra graça no coração de Deus. Assim sendo, o bom pastor é o que vai procurar a ovelhinha perdida e, achando-a, busca-a e a reintegra em seu meio, oferecendo-lhe margens irrigadas e pastagens ricas (13), dando a elas uma lavoura famosa (29). Quanto às outras, guardá-las-á e as apascentará. É interessante notar que Ezequiel retoma o tema do bom pastor e da ovelha perdida, antes analisado por Jeremias e, posteriormente, por Zacarias, no sentido de reprovar os pastores (reis e chefes leigos do povo) pelos crimes de maus tratos ao rebanho, fazendo-se ele mesmo pastor de seu povo (cf. Gn, 48 15; 49, 24; Is 40,11; Sl 80, 2; 95, 7 e Sl 23). Anuncia-se, assim, uma teocracia, aquela que lahweh dará a seu povo, através de um pastor de sua escolha, um príncipe, novo Davi, o qual se entende como figura messiânica de Jesus²⁵.

Zc 10, 2: ..."porque eles partiram como **ovelhas** que sofrem porque não

²⁵ Os profetas Ezequiel e Jeremias usam a imagem do rei-pastor, a qual pertence à literatura oriental. Ezequiel repreende os reis de Israel que se enriqueceram sem cuidar do seu rebanho. Deus se queixa: "meu rebanho vagueia por toda parte; meu rebanho se dispersou", e anuncia que ele próprio se ocupará do rebanho, fazendo desaparecer do país os animais ferozes. Mateus não deixa de assinalar, por ocasião do nascimento de Jesus, a profecia de Miquéias, anunciando a vinda em Belém, de um *pastor que apascentará o rebanho de Deus (Israel)*. Mais tarde, João retoma o tema do Bom Pastor, quando diz que Jesus declara ser o Bom Pastor, aquele que dá a vida por suas ovelhas (Jo 10). Cf. AAVV. *op.cit.* p. 194.

têm pastor". A referência é sobre as ovelhas que, quando perdidas, sofrem pelo fato de terem se afastado do comando do pastor. No contexto que prioriza a fidelidade a lahweh, o versículo é bastante claro em sua conotação: "eles partiram como ovelhas sem pastor" (alusão à mentira, às falsidades, às fantasias).

Zc 11, 4-7.15.16.17: "Assim disse lahweh, meu Deus: apascentai as **ovelhas** destinadas ao matadouro aquelas cujos compradores matam sem serem castigados e cujos pastores não as poupam. Então, apascentai as ovelhas destinadas ao matadouro que pertenciam aos vendedores de **ovelhas**. Disse-me, ainda, lahweh: toma os apetrechos de um pastor insensato, pois que eis que vou suscitar um pastor na terra; ele não cuidará da que desapareceu, ele não procurará a desgarrada, não tratará aquela que está ferida, não sustentará aquela que esta de pé, antes, devorará a carne dos animais gordos e devorará os seus cascos. Ai do pastor insensato, o qual abandona as ovelhas! Que a espada esteja sobre o seu braço e sobre o seu olho direito! Que seu braço seque completamente e que seu olho direito se obscureça totalmente!" A profecia de Zacarias, emergente do tempo pós exílico (ano 519), alude ao povo hebreu ainda desgastado pelas deportações sofridas, mas com perspectivas de libertação. Inserido no conjunto das visões do profeta a respeito dos maus pastores (governantes e autoridades) que devastaram a terra e destruíram seus homens e seus animais, toma forma de texto messiânico quando se aproxima do relato da proclamação da nova terra, onde a fidelidade a lahweh promoverá a renovação de Jerusalém, exterminando os *compradores e vendedores* de ovelhas (classe dos ricos carregados de usura e de poder, que exerciam domínio sobre os humildes pastores). Fazendo um aparte remissivo ao conteúdo do texto, é necessário dizer que reis e sacerdotes, chefes da comunidade judaica, muitas vezes revestiram-se de insensatez, relegando ao abandono o povo israelita, não cuidando dos que caíam na idolatria, não socorrendo os marginalizados, não os fortalecendo na fé. Contra tais atitudes, abominadas que são por Deus, o versículo 17 torna bem claro uma série de fortes reprimendas, que interpretadas através de seu sentido metafórico, querem sugerir o total afastamento do pastor do convívio com suas ovelhas.

4.2 Referências bíblicas do Novo Testamento

Mt 10,6: "Dirigi-vos às ovelhas perdidas da Casa de Israel". No contexto do "chamado", em que Jesus profere o discurso apostólico aos Doze, com as

palavras acima Jesus lhes confere uma nova missão, ou seja: a de dirigir-se às pessoas marginalizadas, proclamando que o Reino de Deus está próximo (alegria, salvação) e que é necessário curá-las, isto é, devolver-lhes o bem perdido, resgatando-as para a verdadeira vida! Esse versículo dá o sentido de prudência no cumprimento da tarefa de evangelizar²⁶.

Mt 10, 16: *"Eis que vos envio como ovelhas entre lobos. Por isso, sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas."* A figura da ovelhinha que vai em cumprimento de uma missão aparece como portadora de características, tais como: obediência, timidez, insegurança, confiança. Mas, a par dessa imagem do apóstolo que sai pelo mundo a evangelizar, é necessário que ele seja "prudente como a serpente", isto é: conhecedor da realidade, ponderado, sutil.

Mt 12, 11-12: *"Ora, quem dentre vós que tendo uma ovelha e caindo ela em dia de sábado não vai apanhá-la e tirá-la dali?"* Querendo dizer que o homem vale mais que uma ovelha, razão pela qual não é ilícito querer curá-lo em dia de sábado (como o presumiam os fariseus), o evangelista apresenta a faia de Jesus carregada de ensinamentos de doação da própria vida e de solidariedade. O aspecto da ovelha caída é de desolação, mas resta-lhe a alternativa de ainda poder confiar naquele que se dispõe a ampará-la. Jesus mostra que o mais importante é largar tudo e ir em busca daquele que está perdido, como bem o faziam os fariseus, em relação às suas ovelhas.

Mt 15,24: *"Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas"*. A referência se faz ao trato injusto (lei mosaica) destinado aos estrangeiros, os quais – por não pertencerem ao povo de Israel – eram postos de lado. Nesse sentido, o fragmento bíblico se aplica à figura da mulher cananéia, a ovelha perdida, pois não era da Casa de Israel.

Mt 18, 12-14: Texto em análise. Verificar texto e comentários feitos nos itens 1, 2 e 3 deste trabalho.

Mt 25, 32: *"E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele*

²⁶ A missão dos discípulos ilustra de maneira peculiar o modo de agir de Deus e seu plano salvífico dirigido aos excluídos e necessitados. Essa alegria pela recuperação do que estava perdido se revela nos gestos e nas palavras de Jesus, ao pronunciar esse tipo de discurso (cf. Rinaldo FABRIS e Bruno MAGGIONI. *op. cit.* p. 160).

*separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos e porá as ovelhas a sua direita e os cabritos a sua esquerda"*²⁷. Texto escatológico que alude à segunda vinda de Cristo, quando – então – far-se-á o julgamento entre bons e maus. A *ovelha*, aqui imagem do Justo, devido à brancura de seu pêlo (pureza de coração), à docilidade do seu ser, à graciosidade do seu porte, à obediência e mutismo diante do sofrimento, à sua mansidão sem defesa, à sua passividade diante da morte, é representativa do povo que se manteve reto nos caminhos do Senhor. Esta parcela de povo será contemplada com a glória dos céus. O cabrito, porém, no texto caracterizado pelo gênero masculino (bodinho, filho do bode, animal símbolo da luxúria, do pecado, da atividade demoníaca, carregador dos pecados de Israel, identificado como demônio "peludo", mencionado quatro vezes na Bíblia hebraica), por sua filiação, por seu instinto de fuga, por sua rebeldia, é figura do ímpio, do que se perdeu no lamaçal do pecado e da ignomínia, e aos caminhos do Senhor não quer retornar. A esta parcela do povo será oferecido o afastamento da glória celeste.

Mt 26, 31: *"Jesus disse-lhes, então: esta noite todos vós vos escandalizareis por minha causa, pois está escrito: ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão"*. Contextualizando esse versículo nos fatos da Paixão do Senhor, tem-se que Jesus, o pastor, uma vez ferido de morte (e pela injustiça dos homens), fará com que se arrefeça a fé dos discípulos (*ovelhas*) e se esmoreça o entusiasmo de outrora. Ovelhas dispersas são ovelhas sem rumo a seguir, desprotegidas, desamparadas, desorientadas, fáceis presas dos salteadores. O mesmo texto se faz observar em Mc 14, 27, seguido apenas da réplica de Pedro, o qual, diante das palavras de Jesus, é tomado de indignação, prometendo – por isso – não se escandalizar, ainda que todos o façam.

Mc 6, 34: *"Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor"*. Dispersa, confundida por todas as realidades presentes até então, carente, insegura, mal falada, com fome de justiça e de verdade, assim era a multidão

²⁷ A imagem usada por Mateus, nesse versículo, é tirada dos costumes e tradições da vida real: as ovelhas e cabras, que pastam juntas, são separadas umas das outras para a tosquia e para a venda. (cf. John. L. MCKENZIE. *op. cit.* p. 675).

que acompanhava o Mestre. Nesse contexto, percebe-se que o sentimento de compaixão, de dó, não aflora sozinho, mas com o desejo de restauração, de ajuda, de acolhida. A solidão do deserto (espaço físico onde Jesus estava reunido com seus discípulos) uniu-se à solidão humana, percebida por Jesus, com sentimentos de tristeza e de compaixão²⁸.

Lc 15, 4: "Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la? E achando-a, alegre a coloca sobre os ombros e, de volta para casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: **Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!** Eu vos digo que, do mesmo modo, haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento". A relação de afeto entre o pastor e a ovelha que se desviou do rebanho é bastante notória: o pastor não vê empecilhos em deixar todo um aprisco que necessita de seus cuidados, para ir atrás de uma só ovelhinha que se perdeu. Ao encontrá-la, sua alegria é desmedida: coloca-a sobre os ombros, a conduz de volta a casa e comemora sua volta com uma grande festa. O texto de Lucas é bem mais explicativo que o de Mateus, uma vez que a teologia lucana vai além da realidade imediata, pois apresenta um pastor misericordioso (Deus) pronto a oferecer o paraíso (salvação) àquele (o homem) que se sente desorientado por todo o mal cometido. Nota-se, assim, o cunho essencialmente escatológico da parábola transmitida por Lucas. É a salvação que advém do sentimento de culpa e do conseqüente pedido de perdão, item formador do trinômio teológico: *pecado/perdão/salvação*.

Outro fato que merece especial atenção na linguagem lucana é o referencial do *deserto* e não da *montanha*, onde deveriam estar as ovelhas "largadas" pelo pastor. Isso faz crer que o deserto seja um lugar de tranqüilidade (lugar da construção de currais²⁹), de paz, de solidão, posto que não ofereça condições

²⁸ A bondade de Deus para com seu povo é freqüentemente comparada aos cuidados atenciosos com que o pastor cerca suas ovelhas. Essa explicação parece lembrar o Sl 23: "O Senhor é meu pastor, nada me falta; em verdes relvas me faz repousar".

²⁹ Cf. Joachim JEREMIAS, *op. cit.* p. 136 e cf. depoimento de alguns criadores de ovelhas do Oriente e da Europa, tendo como identificação, Portugal.

de vida, se não houver um oásis a ser encontrado. É, também, o lugar das experiências, da reflexão, do abandono, das perdas e dos reencontros... Por essa razão, embora o deserto seja uma região desprovida das realidades vitais da montanha (talvez, por isso, o termo *abandonados*), deve-se supor que o pastor jamais relegaria as ovelhas ao "abandono" total; antes, as protegeria, deixando-as em abrigo (curral) e sob os cuidados de outros pastores da mesma região³⁰. É necessário dizer, também que, mesmo aparentemente desprotegidas por um período de tempo, as ovelhas naturalmente esperariam o cumprimento da missão no que concerne à necessidade mais urgente, ansiando pela volta do pastor, pois só a ele conhecem e somente à sua voz obedecem³¹.

Jo 10, 3: "As ovelhas ouvem a sua voz e ele chama as ovelhas uma por uma"³². Nos escritos de João, a parábola da ovelha perdida adquire um fundo bem familiar à vida palestinese: à tardinha, os pastores reúnem o rebanho num recinto, para a noite. Normalmente, um só recinto serve para abrigar diversos rebanhos. De manhã, cada pastor grita sua senha, e as ovelhas – as suas que lhe conhecem a voz – seguem-no³³. Além dessa cena campestre à qual Jesus se refere, existe o fato teológico que pode ser identificado como sendo Jesus o pastor por excelência. Com a dignidade e a eficácia de uma *porta*, ele vê passar as ovelhas, as quais acabam por conhecê-lo³⁴ como pastor, que lhes oferece pastagem rica e vida em abundância: perdão

³⁰ *Ibidem*.

³¹ "As ovelhas reconhecem a voz de seu pastor e aprendem a obedecer ao som de sua voz" (Jo 10, 3-4). Tendo esse versículo como pressuposto, é de se entender que as ovelhas temem os estranhos e, por isso, não se deixam guiar por eles.

³² "Questa reciproca appartenza che lega pastore e gregge trova la sua espressione nel grido del pastore e nell'ascolto Del gregge (Jo, 3ss), nella mutua conscenza, nella vicendevole familiarità (10, 14), nel precedere e nel seguire (10, 4), nella prontezza del pastore che porta vita e pienezza (Giovanni TORTI e Ugo ARGENTI. *op. cit.* p. 197).

³³ Cf. Rinaldo FABRIS e Bruno MAGGIONI. *op. cit.* P. 387.

³⁴ O verbo *ginoskein* (Jo 14.15) designa o conhecimento mútuo entre Jesus-pastor e as ovelhas-povo. Esse conhecimento não é tanto um saber intelectual, mas um saber "por experiência", o qual inclui toda uma idéia de intimidade e comunhão de vida, ao mesmo tempo em que endereça a uma dimensão trinitária: Cristo-pastor e suas ovelhas se conhecem como (katoj) se conhecem o Pai e o Filho, na esfera de sua vida divina (Bento Silva SANTOS. *Teologia do Evangelho de João*. São Paulo, Aparecida do Norte: Santuário. 1994, p. 167).

e salvação. Nesse contexto do chamado e do seguimento, João dá à parábola um significado messiânico: Jesus é o verdadeiro, o único pastor, o que é diferente do mercenário, pois é capaz de dar a vida por suas ovelhas.

Jo 10, 11.16.26: “*Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas*”; “*Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil; devo conduzi-las também; elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor*”; “*Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas*”. O versículo 11 é uma clara presentificação dos tempos messiânicos, em que Deus deveria dar a seu povo um pastor de sua escolha (cf. Ez 34, 1 ss); ao declarar-se “o bom pastor”, Jesus faz emergir a esperança messiânica. É preciso notar que a expressão acima citada, qualificativa de Jesus, vem associada ao fato da oferta maior que alguém pode fazer em favor de outrem: a entrega da vida. Portanto, não se trata somente de zelar pelo *rebanho*, mas de, se preciso for, libertá-lo das pragas, do mal, dos inimigos, de tudo aquilo que impede seu desenvolvimento, nem que isso seja a preço de sangue. E Jesus tinha bem claro dentro do seu coração e de sua mente o valor dessa oferenda! O versículo 16 nos leva a entender o quanto o bom pastor³⁵, que é Jesus, se preocupa com as *ovelhas* que não são do redil que está sob sua guarda. Aqui não se trata do redil judaico³⁶, mas daqueles que compõem o aprisco de Jesus, isto é, dos que aderem ao seu projeto de vida, à sua proposta de fé, mas um dia, se extraviaram. É urgente trazê-las para perto de si e das outras, e

³⁵ Em Jo 10, Jesus fala diversas vezes de suas ovelhas, não somente quando se apresenta como *porta* (vv. 7-10), mas também em sua atividade como *pastor*, cuja tendência é instituir um novo Israel espiritual, o qual terá como nota distintiva a *escuta de sua palavra* (v. 3). Se a frase “*As ovelhas ouvem a minha voz*” designa uma atenção inicial às palavras de Jesus, no v. 16 esta atenção se transforma em aprofundamento de fé, próprio da comunidade cristã pós-pascal: “*Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; é preciso que eu as conduza. Elas ouvirão (akousousin) a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor*” (10, 16). O tempo ulterior da Igreja (rebanho) se delinea ao longo do ministério de Jesus, entre aqueles que o acolhem como Messias e Filho de Deus, portanto, o rebanho se compõe daqueles que Jesus chamou durante a sua vida terrestre (cf. 19, 35; 20, 29; 1Jo 1-4) e daqueles que chegam à fé depois de sua glorificação, através da palavra dos discípulos. O princípio de unidade deste único rebanho é o único pastor – Jesus – o que entregou sua vida por todos, num ato de extremo amor (cf. Ef 2, 16; Jo 10, 11.15.17ss). Bento Silva SANTOS. *op. cit.* p. 166.

³⁶ Discurso polêmico de Jesus, onde a incredulidade dos judeus é explicada pelo fato de não pertencerem ao rebanho de Cristo (Jo 10, 26).

conduzi-las à vida eterna. Quanto ao versículo 26, situado no contexto da polêmica que se travava entre os judeus com o propósito de matar Jesus, a interpretação que se pode extrair recai sobre o entendimento de que esses judeus desafiantes, incrédulos, de coração duro não se situam como agregados às *ovelhas* de Jesus, pois para ser uma delas é preciso crer em Jesus, aderir interiormente a ele, ser afeito às coisas do alto, estar em Deus, na verdade e pela verdade. Esse exercício de fé, inexistente na pessoa desses judeus, supõe uma afinidade espiritual muito grande com a virtude da caridade, com o valor da crença no Deus único, com a prática da verdade.

At 11, 32: “*Como ovelha foi levado ao matadouro*”. No contexto da evangelização de um eunuco, por Filipe, o evangelista Lucas quer passar a idéia da humildade, da extrema obediência, da aceitação sem limites por parte da ovelha (o justo) em relação ao sofrimento pelo qual teria que passar (matadouro). Toda a realidade presente por ocasião do sacrifício desses animais de pastagens torna-se subjacente ao texto, quando devidamente interpretado.

Rm 8, 36: “*Por sua causa somos postos à morte o dia todo: somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro*”. Novamente o mesmo sentido do capítulo e versículo próximos anteriores. Apenas o contexto é diferente: as comunidades deveriam – por estarem apegadas aos discípulos – sofrer terríveis perseguições. Por esse sofrimento, aceito em condição de entrega total a Cristo, a comunidade é configurada como *ovelha conduzida ao matadouro*.

Hb 13, 20: “*O Deus da paz que fez subir dentre os mortos³⁷ aquele que se tornou pelo sangue de uma aliança eterna o grande pastor das ovelhas, Nosso Senhor Jesus Cristo, vos torne aptos a todo o bem para fazer a sua vontade*”. O trecho conduz ao pensamento sobre a glória da Ressurreição do Senhor. Nesse sentido, é Jesus ressuscitado o pastor (pimen) das ovelhas (probaton). O fato que consuma a trajetória da vida de Jesus, vida que se

³⁷ O cumprimento desta promessa se descreve em Jo 10: através da ressurreição de Jesus, Deus interveio definitivamente para salvar o seu povo. As relações mútuas de conhecimento e de amor entre Jesus, o Messias-pastor, e suas ovelhas são um desenvolvimento e um aperfeiçoamento da antiga fórmula bíblica da Aliança (cf. Ez 34, 30-31). É de se crer, pois, não ser legítimo conceber Cristo-pastor sem o seu rebanho, que é o rebanho de Deus (ibidem, 167-168).

constitui no evento salvífico inaugurado pelo povo abraâmico³⁸, permite vislumbrar toda uma situação escatológica de salvação (swteria) à qual entram, de um lado, o povo do Antigo Testamento, a quem Deus fizera a promessa de enviar um *pastor* capaz de guiar com sabedoria e ternura as *ovelhas*, e o povo do Novo Testamento, chamado *novo povo de Deus*, quando este escuta a voz do bom pastor³⁹.

1Pd 2, 25: "...pois estáveis desgarrados como *ovelhas* e agora retornastes ao *pastor*". No contexto da explicação sobre a Morte de Jesus na Cruz, o apóstolo dá a entender que as comunidades são a imagem da ovelha ferida, morta em virtude de estar desgarrada do rebanho, recebendo a dádiva da salvação por ocasião do retorno ao pastor e supervisor das almas.

5. CONFRONTO BÍBLICO E TEOLÓGICO ENTRE OS TEXTOS VÉTERO E NEOTESTAMENTÁRIOS

Através do estudo semântico da palavra *ovelha*, estudo esse feito tomando-se como ponto de partida as diversas citações do Antigo Testamento e do Novo Testamento, é possível estabelecer-se um paralelo entre elas, o que ajudaria sobremaneira a compreensão dos pontos fundamentais da linguagem de Mateus e de Lucas em relação ao relato da parábola em destaque. Ao se

³⁸ Cf. Jackes DUPUIS. *Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso*. São Paulo: Paulinas. 1999, pp. 300-306: "os teólogos, J. MOLTMANN e W. PANNENBERG, falam sobre o mistério pascal de Cristo como sendo modelo proleptico daquilo que se mantém até a revelação escatológica. A ressurreição de Cristo é, pois, a presença e a antecipação proleptica na humanidade glorificada daquela transformação escatológica do mundo e da história que acontecerá no eskaton". "A preparação histórica, imediata e explícita ao evento-Cristo (*pastor*) parte de Israel, que inaugura a história especial da salvação, concretizada pelo evento-Cristo".

³⁹ Il termine *probaton*, quando non è usato in senso proprio, ma parabolico, è nel NT figura, de um lato, dell' antico popolo di Dio, nella sua situazione di lontananza del Signore, e dall'altro, del nuovo popolo di Dio, nella sua situazione escatologica, quando tutti i suoi ascoltano, soltanto, la voce del buon pastore.. Secondo la tradizione e il messaggio del NT, Gesù, pastore, è tanto il Signore e re del suo popolo (*pecore*), quanto il vero rivelatore per tutti i suoi (*pecore*).

fazer esse confronto entre as duas formas de literatura bíblica citadas acima, é necessário identificar a chave de entendimento, ou seja: a *relação entre pastor e rebanho (ovelhas)* para que o proceder determinado se aproxime do mais correto possível. Dessa maneira, tendo em vista a coleta dados apresentada no primeiro capítulo, esta pesquisa se reportará, primeiramente, às citações véterotestamentárias.

Com exceção do Gn 4, 2; Ex 20, 24; 21, 37 e 22, 3; 1Cr 17, 7 (parcialmente) e Sl 78, 70-72, uma vez que essas leituras apresentam o trinômio *ovelha/rebanho/pastor* num aspecto predominantemente denotativo, fazendo recair sobre tal o fenômeno da fixação do homem à terra (sedentarismo) e a prática dos rituais de oferenda, os demais textos do AT aqui citados e analisados em seu universo vocabular permitem que se faça entre eles e o trinômio uma inter relação bíblico-teológica, para a qual também se faz mister a inclusão dos textos do NT, já citados e analisados. Nessa tentativa, pode-se admitir com certa segurança que Nm 27, 17; 1Rs 27, 17; 2Cr 18, 16; Is 53, 6 e Zc 10, 2 – quando acentuam com determinada veemência o acontecimento de *ovelhas sem pastor* (desorientadas, dispersas, errantes, abandonadas, perdidas) – o fazem com a mesma conotação percebida em Mt 10, 6.15.24.26.31; Mc 6, 34 e 1Pd 2, 25. Especial atenção, no que concerne a uma forma interpretativa segura, merecem os textos 1Cr 17, 7; Sl 78, 70-72 e Is 53, 6.

Retomando, pois, esse conjunto de escrituras sagradas, é válido dizer que:

a) o sentido denotativo da expressão *pastor/ovelhas* passa imediatamente para o sentido conotativo quando essa mesma expressão, aplicada a Davi em relação a sua atividade, encontra no sentido consoante seus vocábulos substitutos *chefe/povo* (1Cr 17, 7). Tal reflexão se faz presente e mais bem detalhada em Sl 78, 70-72, quando a palavra *ovelhas* (do aprisco da Davi) passa a significar *Jacó* (povo) e *Israel* (herança). Sem, portanto, desconsiderar o valor da palavra em seu significado primeiro, preservando-lhe, então, as explicações lingüísticas naturais, há – na passagem etiológica do morfema para o semantema – uma substituição conotativa de suma importância. Dessa maneira, é preciso entender que as linguagens cronista e salmista remetem aos semantemas *homem* (líder), *povo* e *pessoas* as unidades morfológicas de *pastor*, *rebanho* e *ovelhas*.

b) Não há menção para o termo *pastor* no versículo analisado (Is 53, 1). No entanto, toda a frase que contém a palavra *ovelhas* é por demais significati-

va no que se refere à passagem da morfologia para a semantologia. Tal declaração se enche de expressividade e clareza quando pronome “nós”, posposto ao pronome indefinido “todos”, (idéia de coletividade, sem exclusão de ninguém), acrescido de seu aposto “ovelhas”, demonstra a existência de atitudes desatinadas, desorientadas, imersas no mundo da confusão. (“*andávamos como ovelhas errantes*”...). Para inserir a versículo profético no máximo de sua evidência, observa-se que a palavra “ovelhas” é desprezada em sua sintaxe gramatical mencionada (aposto), quando os termos seguintes, que formam uma oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio (“*seguindo cada um o seu próprio caminho*”) o excluem, pois a concordância da expressão lingüística “cada um” está para os termos iniciais da oração principal: “todos nós”. Com base em tais explicações, ter-se-á a seguinte reflexão: cada um de nós, ao seguir seu próprio caminho, supõe a ausência do líder, o qual deveria nos conduzir por caminhos seguros, isto é, para a prática do bem, de acordo com o projeto divino. Percebe-se, por conseqüência, que é desejo de Deus que haja uma estreita relação de comunhão entre comunidade e dirigente, à semelhança da relação que deve existir entre rebanho (ovelhas) e pastor. Esse inter-relacionamento entre líder e povo deve estabelecer-se em módulos tais que possam compreender:

*um tipo de diálogo amoroso e humilde entre a comunidade e o seu dirigente, através do qual possam embasar-se as palavras: *o pastor conhece cada uma de suas ovelhas e estas ouvem a sua voz*;

*obediência irrestrita ao pastor, oriunda no sentimento de confiança no que ele diz e faz e no que concerne aos caminhos e pastagens por ele indicados as suas ovelhas;

*prudência do pastor, a fim de que possa seguir com seu rebanho por caminhos seguros, embora não estejam livres (pastor e rebanho) de ataques sinistros durante a caminhada;

*zelo do pastor pelo conjunto de ovelhas que estão subordinadas a sua guarda, para que nenhuma delas se afaste do grupo e, conseqüentemente, se perca na “solidão” do deserto ou nas “encostas” perigosas das montanhas;

*grande capacidade de busca, de acolhimento, de perdão (atributos do bom pastor) se em qualquer tentativa relacionada ao fato de conduzir as ovelhas, detectar-se algum tipo de fracasso.

É preciso considerar tais módulos como regras comportamentais que pastor e ovelhas (chefe e povo) devem ter como princípio de vida, para que se caracterize o pastor como *bom*, pois assim, ao recontá-las no fim da tarde, para enviá-las ao curral, perceberá que nenhuma de suas ovelhas se perdeu. Afinal, ele as conhece uma a uma por seu nome. Se, porventura, o contrário tiver acontecido, o pastor não relutará em ir procurá-la até o encontro definitivo. E a ovelha desgarrada, dócil, obediente, arrependida, voltará ao convívio das demais que se alegrarão ao vê-la novamente. Extrai-se daí uma relação harmônica, afetuosa, de comunhão entre pastor, rebanho e ovelhas.

Em se tratando, porém, da linguagem dos cronistas, salmistas e profetas, não é esse o raciocínio que se pode abstrair, pois o entender desses autores bíblicos sobre a relação *pastor/rebanho* e, figuradamente, *líder/povo* se enquadra em nível de intensa conflituosidade, onde o pecado do pastor, gerado pelo descaso e pela incompreensão, torna-se causa principal do afastamento e dispersão das ovelhas (povo). Assim, é freqüente nos textos bíblicos do Antigo Testamento, tais autores referirem-se ao pastor como aquele que não cuidou do rebanho e, por isso, ele se perdeu. Essa verdade bíblica anunciada pelos versículos citados encontra densidade teológica em Ez 34, 2-4.13.14.16, quando o profeta – ao fazer alusão à realidade *pastor/ovelha* – afirma que este, além de se utilizar dos benefícios que o animal oferece (alimentos, agasalho, oferta cultural), deixa de prestar cuidados às que estão doentes e abatidas. Através da linguagem do profeta, considerando-se a predominância de termos negativos, chega-se a entender que a grande lição de vida é zelar para que nenhuma ovelha se afaste do redil, porém se isso acontecer, não se furta (o pastor) à obrigação de resgatá-la, oferecendo-lhe todos os cuidados que julgar necessários.

O texto de Ezequiel se aproxima bastante do texto de Zacarias em 11, 4.7.15.17, embora este último não apresente o espírito de desafio do anterior, comprovado a partir da forma interrogativa inicial e das denúncias contidas nos versículos seqüentes, fato esse que sugere certa ponderação quanto ao uso de termos lingüísticos no que tange à referência feita ao convívio *pastor/ovelha*, ponderação essa percebida pelos versículos iniciais em que *lahweh* se apresenta como aquele que vai libertar as ovelhas da influência dos maus pastores. Estes, como diz o profeta, sempre existirão, mas sobre eles recairá a maldição

divina (vers. 17). Nesse sentido, a ameaça de inutilidade total – mutilação e cegueira – feita através de uma linguagem composta por termos também negativos, constitui-se na imagem perfeita da derrota do mal, em detrimento do triunfo do bem. Assim falando, sofrerá o pastor insensato o mesmo castigo infringido às ovelhas que eram de seu aprisco: o abandono e a morte.

O estudo da trilogia *pastor/rebanho/ovelhas*, feito sobre as passagens do AT, encontra analogia em passagens do NT, ocasião em que os mesmos termos são retomados pelos evangelistas, no que tange ao relato das parábolas e discursos de Jesus. Dessa forma, o conteúdo de Mt 10, 6 em sua expressão conotativa *ovelhas perdidas* lembra Ez 34, 2-4.13.14.16.22.29.30 e Zc 11, 4 -7.15.17, porquanto esses textos se inter-relacionam, concordantes que são sobre o mesmo tema: *a evangelização daqueles que a sociedade marginalizou*. Deve-se entender como *marginalizados* aqueles que apresentavam problemas relativos a doenças (leprosos, epiléticos), ao estado civil (viúvas) e comportamental (adúlteras), à orfandade (órfãos), à qualidade de vida (os pobres), ao exercício de determinadas profissões (cobradores de impostos), enfim, aos injustiçados.

Analisado à luz do Antigo Testamento, o texto de Mateus indica a ovelha desgarrada e perdida com sendo aquela que carece de cuidados urgentes, cuidados esses que só o bom pastor é capaz de dispensar: buscar a ovelha, tratar-lhe a ferida, curá-la e trazê-la de volta ao rebanho, resgatando-a, portanto, para a vida. Não é esse, porventura, o grande gesto de acolhida e, às vezes, de perdão, que melhor apraz a Deus? Não é esse o desejo supremo do Senhor, *que todos sejam um*? Não sugere o referido texto a proclamação messiânica do Reino, através da libertação do excluído?

É notório o reforço desse conteúdo, centrado no ato de evangelizar, considerando-se as escrituras neotestamentárias. Nem o teor de desafio (Mt 12, 11-12), nem o teor escatológico (Mt 25, 32), tampouco o teor profético (Mt 26, 31) oferecem explicações contrárias às expostas anteriormente. Nesse sentido, tomando-se como referencial as interrogativas acima, esbarra-se em Mt 15, 24 onde são de singular importância as palavras de Jesus: *"Eu não fui enviado às ovelhas perdidas..."* Deve-se entender por essa expressão profundamente amorosa, o coração misericordioso de Jesus, o qual permite e quer a inserção dos estrangeiros – antes abominados pela lei mosaica – ao seu rebanho. Por conseqüência, somam-se à gama dos excluídos todos os forasteiros, no contexto representados pela mulher cananéia, figura da ovelha perdida.

Num confronto de escrituras vétero e neotestamentárias, tomando-se como exemplo o binômio *pastor/ovelhas*, é mister que se considerem semelhanças e diferenças fundamentais. Assim sendo, a imagem que se tem de pastor nos textos mencionados do AT é a de mau pastor, o dirigente que por motivos pessoais ou pela formação de seu caráter promove a dispersão de suas ovelhas, tornando-as errantes, perdidas, abandonadas. Com exceção de 2Sl 24, 17 e 1Cr 21, 17, onde o pastor (Davi) arrepende-se das atitudes tomadas em relação a seu rebanho, reconhecendo – então – sua insensatez a ponto de pedir clemência a Deus por suas "ovelhas dispersas às quais não deve ser impingida nenhuma culpa", alguns dos demais textos referem-se ao pastor como aquele que comete desmandos irreparáveis, como aquele cuja responsabilidade encontra-se degenerada pela corrupção. Sob esta ótica, emergem os escritos de Sl 44, 22; Is 53, 6; Jr 23, 1-2; Ez 34, 2-4.13.14.16.22.29.30; Zc 11 4-7.15.17, e ainda 2Cr 18, 16. Sobre esses condutores de rebanho, "a ira de Deus será implacável" (cf. Jr 23, 1-2 e Zc 11, 4 -7.15.17).

Pode-se perceber por todo esse contexto de escrituras véterotestamentárias a desesperança, a desolação, o espírito de abandono que assolou Israel por tantos e tantos anos, quer no período antecedente à monarquia davídica (escrito dos cronistas e juizes), quer no tempo permanente e posterior a esse regime de governo (escritos dos reis e profetas).

Por ter estado Israel sob a condição de povo (ovelha) vitimado – ora pela ausência, omissão de autoridades (pastores) insensatas, ora pela imprudência e descaso dessas mesmas autoridades – é que todo o referencial determinado pelo binômio *pastor/ovelha* tende a identificar uma sociedade ávida pelo advento de uma nova situação histórica. É dessa maneira, pois, que o confronto entre os textos bíblicos do Antigo Testamento remetem à realidade que permite qualificar o povo hebreu como um povo ansioso pela vinda do Salvador e atuante em relação à esperança messiânica.

Em contraposição a esses maus pastores, surge Sl 78, 52.70.72 cujas palavras conduzem à compreensão de que o pastor é caracterizado como aquele que conduz com segurança, sem temor (referência ao êxodo dos hebreus) e como "aquele que apascenta com o coração íntegro e com mãos sábias" (referência a Davi, protótipo do Messias). Chega-se, assim, a entender que toda a situação temporal historicizada pelo povo (ovelhas) de Israel, milênios antes

da Era Cristã, era uma situação de penúria, embora matizada pela esperança e prenúncio de uma outra situação temporal, em que se preconizaria o advento do Reino, com a chegada do Messias, o verdadeiro Pastor, o que haveria de cuidar das *ovelhas perdidas* como pai extremo e misericordioso. Seria o tempo da alegria e da certeza, pois as esperanças, os anseios e o clamor das *ovelhas desgarradas* certamente alcançariam o coração de Deus. Tornando evidente a concretização desse tempo messiânico, surgem os escritos apostólicos de Mateus⁴⁰ e Lucas⁴¹, carregados ora de reprimendas, onde – ao colocar os ouvintes (fariseus e discípulos, respectivamente) – em postura de desafio, dão a entender que Jesus fez descer sobre eles toda a autoridade que vem de Deus, ora de ensinamentos catequéticos⁴² incluindo-se, também, algumas epístolas, ensinamentos cujo enfoque maior é a realidade do bom pastor, trazendo à luz das mentes humanas virtudes inigualáveis: prudência, humildade, mansidão, doação de vida, presença...Certeza maior da esperança messiânica transparece pelo conteúdo bíblico presente em Mt 15, 24 e em Jo 10, 11.16.26, pois esses textos evidenciam de maneira singular o homem Jesus de Nazaré como o Bom Pastor, aquele cuja vinda foi “destinada às *ovelhas perdidas*”, aquele que carrega a *oveiha perdida* (Mt 26, 31), aquele que tem compaixão das *ovelhas* que têm fome (Mt 6, 34), aquele que conhece suas *ovelhas* e é capaz de chamar cada uma pelo nome (Jo 10, 3).

O alcance maior do assunto que envolve *pastor/ovelhas* está nas palavras de João, cap 10, v. 11, 16 e 26 quando Jesus se autodenomina o **Bom Pastor**⁴³, aquele que transcende a realidade deste mundo, revelando uma outra realidade, a celestial, ocasião em que as ovelhas serão separadas dos cabritos, realizando-se, assim, a escatologia futura, prenunciada em Lc 15, 4: “*haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento*”.

⁴⁰ Mt 12, 11-12 e 18, 12

⁴¹ Mt 15, 4

⁴² Mt 10, 16; Jo 10, 3; Hb 13, 20 e 1P 2, 25

⁴³ “Jesus é o Bom pastor pré-anunciado (cf. Ez 34), aquele que conhece as suas ovelhas uma por uma, que dá sua vida por elas e que a todas quer reunir num só rebanho sob um único pastor (cf. Jo 10, 11-16). É o pastor que veio não pra ser servido, mas para servir” (Mt 20, 28). Comentário extraído de PAPA JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*, nº 13.

Constata-se, portanto, que a grande semelhança entre as literaturas vetero e neotestamentárias está na conotação do termo “ovelhas” (povo injustiçado, sofrido, subjugado pela violência), e a grande diferença encontra-se na interpretação da palavra “pastor” em relação a seus atributos – mau, insensível, insensato (algumas citações do AT) – e bom, atento, acolhedor (citações do NT). Na passagem de uma literatura para outra há, pois, todo um contexto histórico que atinge seu ápice em Jesus Cristo, o **Bom Pastor**, assunto da parábola Ovelha Perdida, no Evangelho de Mateus e de Lucas.

Profa. Geni Bertoni Nitz é Doutora em Teologia Dogmática. É Professora de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira e Portuguesa.